

Domingo XIII do Tempo Comum – Ano A – 28.06.2026

— Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim; quem não toma a sua cruz e não me segue não é digno de mim. Quem acha a sua vida a perderá, mas quem, por minha causa, perde a própria vida a encontrará.”

Mateus 10:37-39

Viver a Palavra

Habituaamo-nos de tal modo à radicalidade da proposta de Jesus que porventura a dureza das Suas palavras quando nos convida a segui-Lo pode muitas vezes soar a mera poesia: «*quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a Mim, não é digno de Mim. Quem não toma a sua cruz para Me seguir, não é digno de Mim*».

A repetição destes «*Mim's*» fazem sempre retornar ao meu coração as palavras do Papa Bento XVI quando recorda que na origem do ser cristão não está uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro íntimo, único e decisivo com Jesus Cristo (*Deus caritas est*, 1). Seguir Jesus implica conjugar a intimidade do encontro com Ele com a missão de ir ao encontro dos irmãos, numa radicalidade única que implica toda a vida e a vida toda.

Não se trata de uma competição de amores para saber quem amamos mais: o pai, a mãe, os filhos, a própria vida ou Jesus Cristo. Antes de tudo, trata-se de saber qual o centro unificador da nossa vida e o lugar onde depositamos a nossa confiança e a nossa esperança. Amar Jesus e segui-Lo de todo o coração nunca nos permitirá desvalorizar os outros, muito menos os nossos pais, os nossos filhos ou até a nossa própria vida. Contudo, abraçar a radicalidade do chamamento que o Senhor dirige a cada um de nós levar-nos-á sempre a olhar o mundo, os outros e as relações de um modo novo e diferente.

Encontrar a vida verdadeira implica inscrever a nossa existência nesse horizonte maior do amor de Deus e entrar numa lógica de amar e servir que nos faz redescobrir que a vida é tanto mais nossa quanto mais for dos outros e que a vida é verdadeiramente vida quando entregue sem medida.

Abraçar a cruz para seguir Jesus não é um ato masoquista de quem procura o sofrimento para alcançar a recompensa. Para compreender e acolher estas palavras de Jesus, teremos sempre de olhar para o crucificado e contemplar o imenso amor que Dele brota. Jesus vai até à morte e até à cruz porque nos ama. Por isso, abraçar a cruz significa sempre abraçar o amor na sua maior radicalidade. Significa amar até ao fim e com todas as nossas forças.

Não deixa de ser curioso que na mesma página evangélica onde Jesus nos propõe a radicalidade do seguimento, nos apresente o gesto mais simples, pequeno e banal da oferta de um copo de água fresca. Seguir Jesus na totalidade da nossa vida e com a radicalidade que Ele nos propõe, começa a partir dos gestos mais simples e vive-se precisamente na atenção para com os mais pequenos e frágeis. Dar a vida toda ou ter um pequeno gesto de amor, a cruz ou um simples copo de água fresca, são os extremos de um mesmo movimento: o amor que se faz entrega, a certeza de que no Evangelho o verbo amar não significa um mero sentimento ou simples afeição, mas que se conjuga sempre com o verbo dar e sobretudo na sua forma reflexiva: dar-se.

Nas palavras que Jesus nos dirige neste evangelho está presente a necessidade de uma liberdade interior em relação às nossas seguranças, sejam elas materiais ou afetivas. O pai, a mãe, os filhos ou a própria vida são bens preciosos que devemos amar e estimar. Contudo, Jesus adverte-nos para o perigo da dependência das

que é intérprete da Palavra de Jahwéh junto dos outros homens; mas a Palavra que o "homem de Deus" transmite é, sobretudo, uma Palavra poderosa, que opera maravilhas e que tem a capacidade de transformar a realidade.

Os "milagres" atribuídos a Eliseu (o grande "milagreiro" do Antigo Testamento) são a expressão viva da força de Deus, que através do profeta intervém na história e salva os pobres.

Este episódio situa-nos em Sunam, uma pequena cidade situada no sul da Galileia, não longe de Meggido, à entrada da planície de Yezre'el, em casa de uma mulher rica e sem filhos. A história da sunamita tem duas partes distintas: a descrição da hospitalidade que a mulher oferece ao profeta e que é recompensada por este com o anúncio do nascimento de um filho (cf. 2 Re 4,8-17) e a repentina doença e morte desse filho, que exigirá uma nova intervenção do profeta no sentido de devolver a vida ao menino (cf. 2 Re 8,18-37). A nossa leitura apresenta-nos apenas a primeira parte. *in Dehonianos.*

ACTUALIZAÇÃO

Considerar, na reflexão, os seguintes desenvolvimentos:

- Antes de mais, o texto sugere que o projeto de salvação que Deus tem para os homens e para o mundo envolve toda a gente e é uma responsabilidade que a todos compromete. Uns são chamados a estar mais na "linha da frente" e a desenvolver uma ação mais exclusiva e mais exposta; outros são chamados a desenvolver uma ação menos exclusiva e mais discreta, mas nem por isso menos importante. Mas uns e outros têm de sentir a responsabilidade de colaborar com Deus. Estou consciente disso? Empenho-me verdadeiramente em descobrir o papel que Deus me confia no seu projeto e em cumpri-lo com generosidade?

- Numa altura em que a Europa se tornou uma espécie de condomínio fechado, do qual é excluída essa imensa multidão de pobres sem futuro e sem esperança, que mendigam a possibilidade de construir um futuro sem miséria, este episódio convida-nos a refletir sobre o sentido da hospitalidade e do acolhimento. É evidente para todos que não temos os recursos suficientes para acolher, de forma indiscriminada, todos aqueles que batem à nossa porta; mas a política que o nosso mundo segue em relação aos imigrantes não esconderá também uma boa dose de egoísmo e de falta de vontade de partilhar? Como nos situamos face a isto?

- A nossa leitura deixa também claro que o dar não nos despoja, nem nos faz perder seja o que for. O dar é sempre uma fonte de vida e de bênção. A dádiva não deve, no entanto, ser interesseira, mas desinteressada e gratuita.

- Há pessoas que são chamadas por Deus a deixar a terra, a família, os pontos de referência culturais e sociais, a fim de dedicar a sua vida ao anúncio da Palavra. Não são super-homens ou supermulheres, mas são homens e mulheres como quaisquer outros, com as mesmas necessidades de afeto, de apoio, de solidariedade, de compreensão. É nossa responsabilidade ajudá-los, não apenas com meios materiais, mas também com compreensão, com solidariedade, com amor. *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 89 (89)

Refrão 1: Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor.

Refrão 2: Eu canto para sempre a bondade do Senhor.

Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor

e para sempre proclamarei a sua fidelidade.

**Vós dissestes: "A bondade está estabelecida para sempre",
no céu permanece firme a vossa fidelidade.**

Feliz do povo que sabe aclamar-Vos

e caminha, Senhor, à luz do vosso rosto.

Todos os dias aclama o vosso nome

e se gloria com a vossa justiça.

Vós sois a sua força,

com o vosso favor se exalta a nossa valentia.

Do Senhor é o nosso escudo

e do Santo de Israel o nosso rei.

LEITURA II – Romanos 6,3-4. 8-11

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Romanos

Irmãos:

Todos nós que fomos batizados em Jesus Cristo

fomos batizados na sua morte.

Fomos sepultados com Ele na sua morte,

para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos,

para glória do Pai,

também nós vivamos uma vida nova.

**Se morremos com Cristo,
acreditamos que também com Ele viveremos,
sabendo que, uma vez ressuscitado dos mortos,
Cristo já não pode morrer;
a morte já não tem domínio sobre Ele.
Porque na morte que sofreu,
Cristo morreu para o pecado de uma vez para sempre;
mas a sua vida, é uma vida para Deus.
Assim, vós também, considerai-vos mortos para o pecado
e vivos para Deus, em Cristo Jesus.**

CONTEXTO

Continuamos a explorar essa carta aos romanos, na qual Paulo propõe a todos os crentes - judeus e não judeus - o essencial da mensagem cristã... Fundamentalmente, Paulo está interessado em sugerir aos crentes (divididos pela discussão acerca do caminho mais correto para "conquistar" a salvação) que a salvação é sempre um dom de Deus e não uma conquista do homem. Apesar do pecado dos homens (cf. Rom 1,18-3,20), Deus a todos justifica e salva de forma gratuita e incondicional (cf. Rom 3,1-5,11). Essa salvação é oferecida aos homens através de Jesus Cristo.

O texto que nos é proposto faz parte desse bloco em que Paulo descreve como é que a vida de Deus se comunica aos homens através de Jesus Cristo (cf. Rom 5,12-8,39). De acordo com a perspectiva de Paulo, Cristo - ao contrário de Adão, o homem do orgulho e da autossuficiência - escolheu viver na obediência a Deus e aos seus planos; e foi a obediência de Cristo - isto é, o seu cumprimento incondicional da vontade do Pai - que fez chegar a todos os homens a graça da salvação (cf. Rom 5,12-20).

Isso significará, então, que pecar ou não pecar é indiferente, pois a obediência de Cristo a todos salva, de forma incondicional? O cristão pode pecar tranquilamente (cf. Rom 6,1-2), porque a graça da salvação oferecida por Cristo irá sempre derramar-se sobre o pecador? *in Dehonianos*.

ACTUALIZAÇÃO

Para a reflexão, considerar os seguintes elementos:

- Nesta leitura sugere-se, antes de mais, que o cristão é aquele que se identifica com Cristo. Enxertado em Cristo pelo Batismo, o cristão faz de Cristo a sua referência e segue-O incondicionalmente, renunciando ao pecado e escolhendo o amor e o dom da vida. Ora, todos os discípulos estão conscientes que ser cristão passa por aqui; mas, dia a dia, são desafiados por outras referências, por outros valores, por outros modelos de vida... Qual é o modelo e a referência fundamental à volta da qual a minha vida se ordena e se constrói?

- Em termos concretos, o que é que implica a nossa adesão a Cristo? Paulo responde: significa morrer para o pecado e viver para Deus. O que é que significa "pecar"? Significa fechar-se no próprio egoísmo e recusar Deus e os outros. "Pecar" é recusar a comunhão com Deus e ignorar conscientemente as suas propostas; é recusar fazer da vida um dom, um serviço, uma partilha de amor com os irmãos... Os homens do nosso tempo acham que falar de "pecado" não faz sentido e que o discurso sobre o pecado é um discurso antiquado, repressivo, alienante. No entanto, o "pecado" existe: é o egoísmo que gera injustiça e exploração; é o orgulho que gera conflito e divisão; é a vingança que gera violência e morte. O que se pede ao discípulo de Jesus é que renuncie a esta realidade e oriente a sua vida de acordo com outros critérios - os critérios e os valores de Jesus. *in Dehonianos*

EVANGELHO – Mateus 10,37-42

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Naquele tempo, disse Jesus aos seus apóstolos:

**"Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim,
não é digno de Mim;**

**e quem ama o filho ou a filha mais do que a Mim,
não é digno de Mim.**

**Quem não toma a sua cruz para Me seguir,
não é digno de Mim.**

**Quem encontrar a sua vida há-de perdê-la;
e quem perder a sua vida por minha causa, há-de encontrá-la.**

Quem vos recebe, a Mim recebe;

e quem Me recebe, recebe Aquele que Me enviou.

**Quem recebe um profeta por ele ser profeta,
receberá a recompensa de profeta;**

e quem recebe um justo por ele ser justo,

**receberá a recompensa de justo.
E se alguém der de beber,
nem que seja um copo de água fresca,
a um destes pequeninos, por ele ser meu discípulo,
em verdade vos digo: não perderá a sua recompensa".**

CONTEXTO

O Evangelho deste domingo apresenta-nos a parte final de um discurso atribuído a Jesus e que teria sido pronunciado pouco antes do envio dos discípulos em missão (é chamado, por isso, o "discurso da missão"). Mais do que um discurso histórico, que Jesus pronunciou de uma única vez e num único lugar, é uma catequese que Mateus compôs a partir de diversos materiais (o autor combina aqui relatos de envio, "ditos" de Jesus acerca dos "doze" e várias outras "sentenças" que, originalmente, tinham um outro contexto).

Qual o objetivo de Mateus, ao compor este texto e ao pô-lo na boca de Jesus?

Estamos na década de 80. Mateus escreve para uma comunidade onde a tradição missionária estava bem enraizada (a comunidade cristã de Antioquia da Síria?). No entanto, as condições políticas do final do séc. I (reinado de Domiciano e hostilidade crescente do império em relação ao cristianismo) trazem a comunidade confusa e desorientada. Vale a pena "remar contra a maré"? Não é um risco imprudente continuar a anunciar Jesus? Vale a pena arriscar tudo por causa do Evangelho, quando as condições são tão desfavoráveis? Mateus compõe então uma espécie de "manual do missionário cristão", destinado a revitalizar a opção missionária da sua comunidade. Nele sugere que a missão dos discípulos é anunciar Jesus e continuar a percorrer o caminho de Jesus - mesmo que esse caminho leve ao dom total da vida. Apresenta, nesse sentido, um conjunto de valores e atitudes que devem orientar a ação dos missionários cristãos. *in Dehonianos*.

ACTUALIZAÇÃO

Na reflexão, considerar os seguintes elementos:

- Jesus não é um demagogo que faz promessas fáceis e cuja preocupação é juntar adeptos ou atrair multidões a qualquer preço. Ele veio ao nosso encontro com uma proposta de salvação e de vida plena; no entanto, essa proposta implica uma adesão séria, exigente, radical, sem "paninhos quentes" ou "meias tintas". O caminho que Jesus propõe não é um caminho de "massas", mas um caminho de "discípulos": implica uma adesão incondicional ao "Reino", à sua dinâmica, à sua lógica; e isso não é para todos, mas apenas para os discípulos que fazem, séria e conscientemente, essa opção. Como é que eu me situo face a isto? O projeto de Jesus é, para mim, uma opção radical, que eu abracei com convicção, a tempo inteiro e a "fundo perdido", ou é um projeto em que eu "vou estando", sem grande esforço ou compromisso, por inércia, por comodismo, por tradição?

- Dentro do quadro de exigências que Jesus apresenta aos discípulos, sobressai a exigência de preferir Jesus à própria família. Isso não significa, evidentemente, que devamos rejeitar os laços que nos unem àqueles que amamos... No entanto, significa que os laços afetivos, por mais sagrados que sejam, não devem afastar-nos dos valores do "Reino"? As pessoas têm mais importância, para mim, do que o "Reino"? Já me aconteceu renunciar aos valores de Jesus por causa de alguém?

- Outra exigência que Jesus faz aos discípulos é a renúncia à própria vida e o tomar a cruz do amor, do serviço, do dom da vida. O que é mais importante para mim: os meus interesses, os meus valores egoístas, ou o serviço dos irmãos e o dom da vida?

- A forma exigente como Jesus põe a questão da adesão ao "Reino" e à sua dinâmica, faz-nos pensar na nossa pastoral - vocacionada para ser uma pastoral de "massas" - e na tentação que sentem os agentes da pastoral no sentido de facilitar as coisas, de não ser exigentes... Às vezes, interessa mais que as estatísticas da paróquia apresentem um grande número de batizados, de casamentos, de crismas, de comunhões, do que propor, com exigência, a radicalidade do Evangelho e dos valores de Jesus... O caminho cristão é um caminho de facilidade, onde cabe tudo, ou é um caminho verdadeiramente exigente, onde só cabem aqueles que aceitam a radicalidade de Jesus? A nossa pastoral deve facilitar tudo, ou ir pelo caminho da exigência?

- Às vezes, as pessoas procuram os ritos cristãos por tradição, por influências do meio social ou familiar, porque "a cerimónia religiosa fica bonita nas fotografias...". Sem recusarmos nada devemos, contudo, fazê-las perceber que a opção pelo batismo ou pelo casamento religioso é uma opção séria e exigente, que só faz sentido no quadro de um compromisso com o "Reino" e com a proposta de Jesus.

- Integrar a comunidade cristã é assumir o imperativo do testemunho. Sinto verdadeiramente que isso é algo que me diz respeito - seja qual for o lugar que eu ocupo na organização da comunidade?

- Como é que, na minha comunidade, são vistos aqueles que se dão, de forma mais plena e mais total, ao anúncio do Evangelho: são reconhecidos e apoiados, ou são injustamente criticados e vítimas de maledicência, de invejas e de ciúmes? *in Dehonianos*.

Para os leitores:

Na **primeira leitura**, deve ter-se em atenção o tom narrativo e a articulação das diversas frases em discurso direto. Além disso, deve preparar-se bem as palavras «*Sunam*» (deve ler-se suname) e «*Giezi*» (deve ler-se jiézi) e ter em atenção o imperativo «*Chama-a*», tendo cuidado para não ilidir o pronome «a».

A complexidade da **segunda leitura** reside nas frases longas com diversas orações. Este texto exige uma acurada atenção nas pausas e respirações para que se compreenda bem a mensagem do texto